

AVALIADOR INGÊNUO E CRÍTICO: um estudo sobre perfis de avaliadores de revistas científicas na área de turismo

NAIVE AND CRITICAL EVALUATORS: a study on reviewer profiles in scientific journals in the field of tourism

EVALUADOR INGENUO Y CRÍTICO: un estudio sobre perfiles de evaluadores de revistas científicas en el ámbito del turismo

 Moabe Costa¹

1. Pós-Doutorando (Programa de Pós-Graduação em Turismo da Escola de Artes Ciências e Humanidades/USP). E-mail: moabebreno@hotmail.com

Resumo: Objetivou-se refletir sobre contribuições dos avaliadores de revistas científicas para o desenvolvimento da pesquisa em uma área multidisciplinar. Nossa metodologia segue a hermenêutica dialética transformacional. Construímos uma ação interpretativa que prioriza analogias e contradições contidas no nosso objeto: processos avaliativos de dois artigos submetidos a duas revistas brasileiras que têm posicionamentos semelhantes no sistema de classificação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Contribuímos com reflexões sobre características do artigo científico na área do turismo e sobre o perfil do avaliador. O avaliador ingênuo não consegue se desprender de suas escolhas teóricas-metodológicas e foca seu parecer na busca do erro dos autores, geralmente, apontando para aspectos complementares ao texto científico. Consideramos que o avaliador de revistas científicas contribui com o desenvolvimento da pesquisa, quando, de forma crítica, compreende as inúmeras possibilidades de construções teóricas-metodológicas da disciplina e dialoga com os autores a partir das dimensões técnicas e semióticas contidas no texto submetido. Assim, identifica suas potencialidades e aplicabilidades, e, caso seja pertinente, oferece caminhos para sua publicação.

Palavras-Chaves: Artigo Científico, Dimensões Técnica e Semiótica, Funções Prognósticas e Diagnósticas.

Abstract: The objective was to reflect on the contributions of scientific journal reviewers to the development of research in a multidisciplinary area. Our methodology follows transformational dialectic hermeneutics. We built an interpretative action that prioritizes analogies and contradictions contained in our object: evaluation processes of two articles patented in two Brazilian journals that have similar positions in the classification system of the Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel (Capes). We contributed with reflections on the characteristics of the scientific article in the area of tourism and on the profile of the evaluator. The critic manages to immerse himself in the specificities of the text, developing a prognostic and diagnostic function. The naive evaluator cannot detach himself from his theoretical-methodological choices and focuses his opinion on the search for the authors' error, generally pointing to complementary aspects of the scientific text. We consider that the scientific journal evaluator contributes to the development of research when, in a critical way, he/she understands the numerous possibilities of theoretical-methodological constructions of the discipline and dialogue with the authors from the technical and semiotic dimensions contained in the learned text. Thus, it identifies its potentialities and applicability, and, if relevant, offers ways for its publication.

Keywords: Scientific Article, Technical and Semiotic Dimensions, Prognostic and Diagnostic Functions.

Resumen: El objetivo fue reflexionar sobre los aportes de los revisores de revistas científicas al desarrollo de la investigación en un área multidisciplinaria. Nuestra metodología sigue la hermenéutica dialéctica transformacional. Construimos una acción interpretativa que prioriza analogías y contradicciones contenidas en nuestro objeto: procesos de evaluación de dos artículos enviados a dos revistas brasileñas que tienen posiciones similares en el sistema de clasificación de la Coordinación de Perfeccionamiento del Personal de Educación Superior (Capes). Aportamos con reflexiones sobre las características del artículo científico en el área de turismo y sobre el perfil del evaluador. Argumentamos que todo artículo tiene una dimensión técnica (que le da materialidad) y otra semiótica (que le da sentido). El evaluador ingenuo no puede desligarse de sus elecciones teórico-metodológicas y centra su opinión en la búsqueda del error de los autores, señalando generalmente aspectos complementarios del texto científico. Creemos que los revisores de revistas científicas contribuyen al desarrollo de la investigación cuando, de forma crítica, comprenden las numerosas posibilidades de construcciones teórico-metodológicas de la disciplina y dialogan con los autores a partir de las dimensiones técnicas y semióticas contenidas en el texto presentado. Así, identifica sus potencialidades y aplicabilidad y, en su caso, ofrece vías para su publicación.

Palabras Clave: Artículo Científico, Dimensiones Técnicas y Semióticas, Funciones Pronósticas y Diagnósticas.

Recebido em: 14/05/2023

Aprovado em: 29/07/2023



Todo o conteúdo deste periódico está licenciado com uma licença Creative Commons (CC BY-NC-ND 4.0 Internacional), exceto onde está indicado o contrário.

Introdução

Este artigo é uma atualização do trabalho ‘Contribuições dos avaliadores de revistas científicas para o futuro da pesquisa em turismo no Brasil’, apresentado no XIX Seminário da Associação Brasileira de Programas de Pós-Graduação em Turismo (ANPTUR), realizado na capital pernambucana, em setembro de 2022. Estabelecemos critérios para distinguir o perfil de avaliadores que conseguem estabelecer uma relação dialética com o texto e seus autores, construindo um processo de vigilância epistemológica, daqueles que atuam de forma funcionalista e condutivista, excluindo possibilidades de negociação e inibindo a capacidade criativa dos autores.

Portanto, embora nos debruçamos especificamente nos pareceres produzidos por avaliadores de periódicos do Turismo, acreditamos que nossa reflexão possa colaborar com diversos outros campos de estudo, principalmente, aqueles interdisciplinares, tal qual é natureza da nossa área. Afinal, consideramos o saber turístico como fenômeno multidimensional, constituído por procedimentos reflexivos e metodológicos oriundos de diversos outros campos. São sistematizações de epistemologias específicas junto à construção de uma epistemologia geral (JAPIASSU, 1991; MOESCH, 2000; DENKCER, 2002; PANOSSO NETTO; NECHAR, 2014; PEIRCE, 2005; COSTA; ALVES, 2016).

Com isto, o saber turístico é construído a partir do estudo e interpretações de discursos que inserem o turismo no âmbito científico. Pois, o termo grego *episteme* nada mais é que ‘estudo do discurso’. Nestes processos, estão produções de conhecimentos específicos no âmbito da pesquisa em turismo, com possíveis contribuições para a dinâmica social, delimitando micro campos do saber turístico (planejamento, *marketing*, comunicação, legislação, etc.).

Para Denkcer (2002), os ‘micro campos’ geram identidades científicas ao turismo, e podem correlacionar-se entre si por meio de procedimentos inter, trans e multimetodológicos. Em Japiassu (1991), a imersão nestes domínios exige que consideremos o momento histórico de apreensão dos seus objetos (patrimônios, hospitalidade, produções e trocas simbólicas, infraestruturas, serviços, conflitos sociais entre vários outros) e de teorias e métodos que os particularizam enquanto epistemologias específicas. Por isso, precisamos compreender suas bases conceituais para ponderarmos suas contribuições junto à epistemologia do turismo.

Os micro campos são dotados de pré-saberes cuja diversidade metodológica e procedimentos analíticos permitem o progresso intelectual dos estudiosos e avanços da pesquisa. Assim, a avaliação de estudos científicos na área, em quaisquer formatos (monografias, artigos, dissertações, teses), deve ser fundamentada por procedimentos claros, coerentes e sempre questionáveis, construindo um processo dialético. Com base em Hamze (2007), consideramos que tal processo assume duas funções. Uma prognóstica, voltada para mensurar conhecimentos contidos no objeto de análise, outra diagnóstica, que verifica suas potencialidades teóricas e possíveis aplicabilidades junto à construção de conhecimentos científicos e interferências nas dinâmicas culturais.

Nas trilhas de Japiassu (1991), cogitamos que um sistema de avaliação de revistas científicas representa um processo de vigilância epistemológica. Deve-se constituir uma atitude reflexiva sobre o ‘método científico’, envolvendo mecanismos intersubjetivos. Trata-se de uma atividade que exige o estabelecimento de relações,

identificação de erros, acertos, conhecimentos sobre o campo específico e capacidade de identificar contribuições da pesquisa para o avanço do saber turístico. Portanto, notamos que a avaliação de artigos científicos deve ser orientada pela capacidade de o avaliador promover negociações entre dois diferentes objetos que são totalmente adimensionais e imensuráveis: o conhecimento que está a avaliar e o seu próprio conhecimento.

Ao serem organizados como ‘artigo científico’ e como ‘processo de avaliação’, o conhecimento do autor e o do parecerista manifestam-se como discursos. Logo, podemos dizer, seguindo Peirce (2005), Volli (2007), Foucault (2007) e Eco (2004), que os discursos manifestos nos textos submetidos e em suas apreciações são signos dos conhecimentos que se encontram em negociação. Os discursos são constituídos por interconexões de aspectos das percepções, experiências e construções cognitivas de seus autores. Portanto, todo discurso é dotado de lacunas, não podendo ser considerados absolutamente autênticos nem infalíveis.

Analisar e atribuir valores a um artigo científico é, portanto, uma atividade extremamente complexa. A ação exige que o avaliador se liberte de suas correntes teóricas, racionalidades metodológicas, certezas e subjetividades e busque compreensões destes elementos no objeto que está a analisar. Diante desta problemática, este artigo tem o objetivo de refletir sobre contribuições dos avaliadores de revistas científicas para o desenvolvimento das pesquisas na área do turismo.

Definimos como objeto, o discurso contido no processo avaliativo de dois artigos (de própria autoria) encaminhados a diferentes revistas científicas, que têm posições semelhantes no sistema de classificação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Assim, optamos pela hermenêutica dialética transformacional como racionalidade metodológica. Para Gaxiola (2009) e Panosso Netto e Neschar (2014), entendemos que o procedimento representa um conjunto de teorias voltadas para interpretação de discursos. Isso implica em um processo de sistematização de indicadores aplicáveis para buscar sentidos e verdades.

Os dois artigos submetidos tratam de temas que, embora já sejam explorados por parte das ciências sociais, ainda estão em um momento histórico de aprofundamento no campo da investigação turística, como semiótica, memórias sociais e comunicação pública. Por questões éticas, os periódicos não estão identificados, assim como não sabemos quem são os avaliadores, mas construímos um sistema sógnico para representá-los (demostrado no tópico referente à metodologia).

Segundo Valls (1994), a ética é uma reflexão sobre costumes, ações e relações profissionais, sociais, afetivas, familiares... enfim sobre a própria vida humana. Nela, estão leis morais (estruturas de sustentação da consciência social) e o ordenamento jurídico (conjunto de normas que define direitos, obrigações dos cidadãos). Ratificamos nossa postura ética pela própria Constituição Federal Brasileira que protege a privacidade (Art. 5º, Inciso X) e a liberdade de expressão (Art. 5º, Inciso IV e Art. 220). Portanto, temos a consciência moral de estarmos discutindo norteados por princípios éticos e também por pulsões típicas de pesquisadores e avaliadores, pois exercemos tais funções acadêmicas.

Nossa reflexão contribui com proposições sobre dimensões técnica e semiótica do artigo científico no âmbito de uma área multidimensional. A dimensão técnica é constituída por elementos que atribuem materialidade ao texto; a semiótica, por sentidos por ele produzidos. Nestas trilhas, identificamos o avaliador crítico (que busca

dialogar com as dimensões do artigo) e o ingênuo (cuja análise é pautada por suas convicções). Consideramos que a avaliação de revistas científicas é um dispositivo de potencialização do desenvolvimento da pesquisa em turismo no Brasil quando, fundamentada por uma postura crítica do avaliador, estabelece um processo de vigilância epistemológica, permitindo negociações com o texto e seus autores.

Para melhor apresentar nossa argumentação, no próximo tópico (revisão de literatura), com o título ‘Uma abordagem sobre o discurso científico na área do turismo’, contextualizamos as dimensões técnicas e semióticas do artigo científico, considerando a condição multidimensional do turismo e seu caráter inter e transdisciplinar. Em seguida, na seção ‘Racionalidade hermenêutica como estratégia para discussão’, descrevemos a metodologia e os objetos de análise.

Em nossos resultados e discussões, na quarta parte – Contextualizações sobre avaliador crítico e avaliador ingênuo das revistas científicas do turismo –, demonstramos diferenças entre os perfis identificados e ratificamos a importância da avaliação das revistas científicas para a construção do saber turístico. Nosso artigo não tem pretensões de edificar verdades nem determinar posturas acadêmicas, afinal, caminhamos na direção contrária ao funcionalismo. Ele é fruto da vontade de contribuirmos com a produção epistemológica em uma área inter e transdisciplinar, provocando reflexões sobre a temática.

Uma abordagem sobre o discurso científico na área do turismo

Embora o Relatório Oficial sobre a indústria Hoteleira Suíça, publicado em 1883, em Zurique, por Eduard Guyer-Freuler, seja reconhecido como o primeiro trabalho científico do turismo, consideramos que é a partir do século XX que estes estudos começam a ser desenvolvidos, preocupando-se com quantificação, origem e poder de consumo dos turistas (PANOSSO NETTO, 2010). Desde então, foram surgindo diferentes pesquisas com foco em delimitações conceituais, segmentações do público consumidor, infraestrutura de receptivo, relações entre governos, empresas, cidadãos e desenvolvimento turístico.

Hallal *et al.* (2010) e Santos (2018) observam que as pesquisas em turismo no Brasil se efetivam a partir da década de 1970, com a implantação de cursos universitários. Estes estudos iniciais apresentavam geralmente abordagens funcionalistas, com enfoques quantitativo e de estratégia de mercado. Em menores proporções, despontavam pesquisas com viés qualitativos, desenvolvidas por estudiosos das ciências sociais aplicadas que se interessavam pelas relações culturais que dinamizavam o turismo.

Com base em Moesch (2000), notamos que estas diferentes perspectivas impulsionaram o desenvolvimento da pesquisa na área, a partir de diversas disciplinas e correntes teóricas, constituindo pré-saberes turísticos. Tal multiplicidade de abordagens cria a ambiência necessária para a construção de diferentes objetos de pesquisa, permitindo a apropriação e criação de diferentes métodos e metodologias bem como de interconexões entre elas, o que fomenta desenvolvimento de processos criativos e transdisciplinares. A transdisciplinaridade, explica Dencker (2002), colabora para inovações junto a

perspectivas teóricas-metodológicas e reduz fronteiras entre disciplinas. Assim, é possível a construção de um movimento cognitivo que permite atualizações dos sistemas de avaliação de textos.

Neste âmbito, destacamos a importância dos elementos que caracterizam a produção científica: problema, objetivo, objeto, metodologia, referencial teórico, resultados e discussões (MARCONI; LAKATOS 2013). A pesquisa deve ter estes elementos claramente reconhecidos e questionáveis. Afinal, para pensarmos o turismo como uma ciência “é necessário que exista um objeto de estudo claro e definido, com metodologia de análise advinda de várias ciências” (PANOSSO NETTO, 2010, p. 34). Isso representa que os pesquisadores em turismo não devem se limitar à reprodução de metodologias já existentes nem somente reduzirem-se a criticá-las. É preciso construir novos procedimentos, novos conhecimentos, contextualizá-los e validados.

Refletimos que a produção e avaliação do conhecimento científico deve focar os elementos que definem a pesquisa, constituindo uma vigilância epistemológica. Em Japiassu (1991), compreendemos que tal processo coopera para a consolidação e ramificação das áreas do saber, ao deter-se sobre o método e demais elementos fundamentais da pesquisa. Para tanto, precisam assumir materialidade, estando devidamente organizados em documentos científicos, como monografias, dissertações, teses, resenhas, resumos, livros e artigos.

Método, resultados e discussões são elementos centrais do artigo científico, o que está evidente até mesmo em comunicações informativas. Um artigo é uma comunicação ou documento científico publicada em revistas especializadas, cujo objetivo é apresentar resultados de uma pesquisa ou mesmo exposição de um ‘método experimental inovador’. Já o portal Artigo Científico (2022), construído por um grupo de professores universitários e pesquisadores, o descreve como produções textuais cuja finalidade é comunicar resultados de pesquisas e de novas ideias com o propósito de gerar debates de maneira clara, concisa e fidedigna.

Marconi e Lakatos (2013) ratificam esta compreensão. Para eles, o artigo corresponde a um estudo que traz questões verdadeiramente científica, de forma sintética, porém completa. Além do problema e objetivos, os autores sinalizam que sua especificidade é construída a partir do processo metodológico empregado, da obtenção e discussão de seus resultados bem como a partir da possibilidade de reprodução do seu método, que é uma forma de aplicação e validação da pesquisa.

Aprofundamos esta contextualização pela perspectiva da semiótica – “a ciência geral dos signos tanto verbais quanto não verbais. Serve para estabelecer ligações entre códigos, linguagens, pensamentos” (COSTA; ALVES, 2016, p. 1). A semiótica representa uma forma de produção e atribuição de sentidos às coisas do mundo, apresentando possibilidades de reflexões sobre relações do ser humano com a infinidade

de signos sociais. Assim, consideramos um artigo científico como uma unidade material de representação de um discurso referente à determinada área e/ou temática dessa área.

Ao nos apropriarmos da perspectiva de Volli (2004, p. 78), constatamos um artigo científico como um texto “considerado objeto concreto de uma comunicação, uma mensagem que é efetivamente produzida ou reconhecida como tal, e em termos estruturais equivale a um segmento do eixo do processo, autônomo e bem definido”. Trata-se de uma estrutura concebida e organizada para ser entendida como representação da ciência. Surge do planejamento de um pesquisador, assumindo, logicamente, subjetividades, mas, jamais se submetendo a elas. Este caráter sugere que a ciência é lugar do conflito e que todo artigo científico, enquanto discurso, é sempre questionável.

O discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos; e quando tudo pode, enfim, tomar forma do discurso, quando tudo pode ser dito e o discurso pode ser dito a propósito de tudo, isso se dá porque todas as coisas, tendo manifestado e intercambiado seu sentido, podem voltar à interioridade silenciosa da consciência de si (FOUCAULT, 2007, p. 48).

Um artigo científico encaminhado para avaliação de uma revista é um signo de discursos mais amplos, pois se trata de um recorte teórico-analítico, devidamente estruturado e adaptado a normatizações e às regras da produção científica e do periódico a que está submetido. Tal organização estética coopera para minimizar subjetividades dos autores e dos avaliadores, que representam o discurso da revista. Em Peirce (2005), a estética corresponde a uma ciência normativa com propósitos aplicáveis a fins específicos para excitar percepções de interlocutores. “Uma característica básica da estética, é o estabelecimento de procedimentos e técnicas que definem a natureza do objeto” (COSTA; ALVES, 2021, p. 206).

Por este caminho, compreendemos que o artigo científico envolve uma dimensão técnica (estrutura material que define sua identidade textual e o diferencia de outros textos) e uma dimensão semiótica (estrutura imaterial construída por fenômenos linguísticos e translinguísticos, pelos sentidos produzidos pelos campos epistemológicos que o compõem e também por códigos culturais dos autores). A dimensão técnica representa o processo de codificação do texto científico, constituindo a infraestrutura necessária para a projeção dos elementos que compõem a dimensão semiótica.

Com base em Marconi e Lakatos (2013), descrevemos que a dimensão técnica do artigo científico é constituída por revisão de literatura (indica as escolhas dos autores); metodologia (representa as ações da pesquisa, a experiência do pesquisador); resultados e discussões (constituem formulações cognitivas após a aplicabilidade do método, confrontando com a teoria escolhida), além de título, identificação de autores, resumo, palavras-chaves e introdução (propõem percepções sobre a pesquisa, por meio de contextualizações do problema, objetivos e direcionamento teóricos-metodológicos). Tais elementos estão contextualizados neste próprio artigo. Assim, temos uma metalinguagem, que é um fenômeno linguístico.

A dimensão semiótica está inserida no âmbito teórico-científico da área do conhecimento abordada e no universo existencial dos produtores, manifestos por fenômenos linguísticos. Nesta dimensão, estão estrutura textual, figuras de linguagem, e os ‘jargões especializados’ e ‘sintagmas estilísticos’, definidos por Eco (2004). Os primeiros são representados por um conjunto de jargões científicos que correspondem a patrimônios léxicos, os outros representam retóricas e conotações emotivas de diversas formas. São expressões que definem área de atuação e posicionamentos dos autores, aproximam discursos de diferentes textos e os mantém pertencentes ao mesmo campo do conhecimento.

Completamos, com Volli (2007), que quando nos referimos aos fenômenos linguísticos, apontamos para o universo infinito de sentidos produzidos por elementos comunicativos (palavras, gráficos, imagens). Ainda, é importante atualizarmos o pensamento sobre o texto científico com os fenômenos translinguísticos. Em Scholl (2020), trata-se do reconhecimento da diversidade da linguagem humana e dos diferentes processos criativos por ela permitidos, estabelecendo entendimentos da linguagem enquanto organização múltipla de processos comunicativos. Estes, em Costa e Alves (2019), correspondem a trocas de consciências.

Entre dimensões do texto científico, criatividade e comunicação, situam-se diferentes dinâmicas de elaborações estéticas, que podem transcender às estruturas formais e tradicionais de produção e avaliação de artigos. Com base em Peirce (2005), Volli (2007), Foucault (2004) e Eco (2004), refletimos que todo texto científico é um *continuum* semiótico. Nele, estão virtualmente imersos, diferentes sistemas linguísticos, que representam díspares práticas e perspectivas acadêmicas. Portanto, toda produção científica tem uma vida social. Um artigo é um objeto social-acadêmico.

Na produção e na avaliação de um artigo estão implicações oriundas do campo cultural dos interlocutores. Afinal, “o autor e leitor empíricos são os indivíduos em carne e osso que se comunicam por meio de um texto” (VOLLI, 2007, p. 150). Os sentidos gerados por um texto científico são formados por aspectos que lhes atribuem materialidade e subjetividades. Nestas, estão conhecimentos, experiências pessoais e sociais, formação acadêmica e componentes éticos de autores e avaliadores. Assim sendo, propomos que as interpretações e negociações sobre um artigo científico devem partir do universo simbólico por ele produzido, pois é ele o signo que motiva o debate.

Ao atribuírem sentidos ao texto, os interlocutores estão reconhecendo os discursos nele representados, o que os permitem, por um processo dialético, delimitá-los, fortalecê-los e também contra argumentá-los. Por este movimento, é consideramos que toda avaliação de um artigo científico é um processo de identificação de verdades e construções de contra argumentações, de outras verdades, nas quais, é importante que se priorizem o avanço intelectual do avaliado, sua contribuição para o desenvolvimento da área de estudo e para a sociedade (HAMZE, 2007).

Esta contextualização nos convida a refletir sobre a complexidade do processo avaliativo de um artigo científico. Por um lado, há dimensões técnicas que permitem a um vigilante epistemológico identificar potencialidades do discurso e, se necessário, criar caminhos para aperfeiçoá-lo. Por outro, pareceristas ingênuos de deixam levar por seu contexto social-acadêmico e buscar no texto submetido apenas suas perspectivas teórico-metodológicas. Assim, reduz a dimensão semiótica do artigo avaliado às suas percepções, experiências e limites cognitivos, frustrando possibilidades de ampliação do campo epistemológico do turismo.

Mas qual o perfil do avaliador que consegue decodificar e interpretar as dimensões técnicas e semióticas dos artigos submetidos a revistas científicas nas áreas multidimensionais como o turismo? Esta é a discussão do quarto tópico. Antes, porém, a seguir, apresentamos uma contextualização sobre o método e a descrição dos objetos de análise.

Racionalidade hermenêutica como estratégia par discussão

A hermenêutica estabelece relações entre elementos concretos e abstratos contidos em um discurso, a partir de critérios lógicos e válidos, para formular um outro contexto cognitivo. Trata-se de um modo interpretativo que se comporta ao mesmo tempo como metodologia e teoria. Ou, nas palavras de Panosso Netto e Nechar (2014, p. 133), “uma metodologia crítica na leitura, releitura e nova interpretação de conceitos que integram o campo epistemológico do turismo”.

Nossa abordagem segue a hermenêutica dialética transformacional, que consiste na identificação de analogias e contradições contidas na essência dos objetos de análise (GAXIOLA, 2009). Buscamos diferentes significados, rompendo com tendências absolutistas, orientações positivistas, funcionalistas e estruturalistas que situam as discussões referentes às investigações turísticas em um campo distante da argumentação, da racionalidade analógica e da dialética.

Assim, construímos a análise do nosso objeto (processo avaliativo de artigos científicos submetidos em revistas periódicas na área do turismo), com base nos elementos que constituem as dimensões técnica e semiótica da produção textual e nas funções prognósticas e diagnósticas da avaliação (descritas no próximo tópico). Os objetos estão descritos na Tabela 1 (Artigo A, encaminhado ao Periódico 01, gerou a avaliação X, constituída pelo Avaliador X1 e Avaliador X2, gerando a atitude Aa) e na Tabela 2 (Artigo B, encaminhado ao Periódico 02, constituída pelo Avaliador Y1 e Avaliador Y2, gerando a atitude Bb). As avaliações foram copiadas e coladas diretamente de nosso e-mail, representando as revistas e artigos pelos signos descritos no anagrama acima.

Tabela 1: Artigo A encaminhado ao Periódico 01

Avaliação X	Nós chegamos a uma decisão referente a sua submissão para o ‘Periódico 01’, do ‘Artigo A’. Nossa decisão é de: Revisões obrigatórias. Tal decisão baseia-se nos seguintes apontamentos dos avaliadores. Caso tenham interesse em proceder com as revisões solicitadas, devem enviar a nova versão em um prazo de 40 dias. Pedimos que nos informem se darão continuidade a este processo de avaliação.
Avaliador X1	O artigo apresentado tem temática e objeto interessantes, no entanto, sofre de clareza quanto ao entendimento do que é a retrodução (abdução ou inferência hipotética) em Peirce. O autor construiu uma estruturação teórica profunda que foi utilizada de modo muito pouco adequado na pesquisa apresentada. A semiótica de Peirce é triádica, portanto, parte do pensamento em signos e a abdução é um processo de raciocínio inicial, quando ainda não se tem "clareza" para deduzir ou mesmo para que a indução se processe. Outro problema é o apego a conceitos como "narrativa", discurso", "padrão discursivo" o que leva ao total distanciamento de Peirce. Em decorrência disto, a análise das postagens está completamente comprometida. Como lançar mão da "retrodução" ou mesmo falar em estética (na perspectiva peircena) sem ter em conta as imagens e os diálogo/ou não destas com os textos e todas as interações na página? Impossível. Não há como separar os efeitos potenciais e os efetivamente expressos decorrentes dos textos e os decorrentes das imagens. O apego ao texto trouxe muita parcialidade para as análises, o que implica em um fundamento paradigmático não peirceano. As imagens não foram analisadas, nem nas suas dimensões qualitativo-icônicas, singino indiciais ou legi simbólicas. Cores, formas, luminosidades, enquadramentos, além especificamente da localização (espaço-tempo na cultura) atuam sobre os perceptos das mentes interpretadoras, portanto não podem ser negligenciadas. Apesar dos graves problemas teóricos e metodológicos, o entendimento dos fundamentos jornalísticos, publicitários e de entretenimento das postagens turísticas frente ao domínio do caráter jornalísticos das demais postagens é interessante.
Avaliador X2	A introdução carece de uma argumentação mostrando clara e convincentemente a importância do tema escolhido, a necessidade de estudá-lo e o posicionamento do artigo no campo do conhecimento. Essas tarefas exigem uma revisão sintética da literatura em apoio a uma argumentação convincente de que seu artigo atende a uma necessidade de pesquisa e trará uma contribuição para o campo do conhecimento em questão. As publicações a seguir podem ser úteis nesse sentido: Alvesson, M., & Sandberg, J. (2011). Generating research questions through problematization. <i>Academy of management review</i> , 36(2), 247-271. Sandberg, J., & Alvesson, M. (2011). Ways of constructing research questions: gap-spotting or problematization? <i>Organization</i> , 18(1), 23-44. O texto precisa de uma revisão detalhada da redação. O trabalho carece de uma seção de conclusões mais robusta, apoiada na confrontação dos resultados com os elementos da seção de fundamentação teórica e que explicita contribuições relevantes para o campo do conhecimento, assim como recomendações para futuros estudos. Faltam textos interessantes sobre estudos de sites em revistas de Turismo do Brasil (já existem diversos, debater eles nos resultados, o que já foi feito, como foi feito, porque o método escolhido analisa diferente dos outros já realizados - RBTUR, Revista Turismo Estudos e Práticas, entre outros), além disso alguns autores do Brasil tratam de estudar fotografia e imagens fotográficas que podem debater com seus resultados para trazer a luz pesquisas no Brasil que tem abordagens diferentes de estudos comunicacionais de imagens fotográficas que não com semiótica, isto trará mais robustez para seu argumento de análise (revistas como MTR, RAOIT, Revista Turismo Estudos e Práticas, Hospitalidade, entre outras - dica utilizar o site publicações em turismo criado pela USP EACH).
Tomada de atitude Aa	Agradecemos a avaliação do ‘Artigo A’ submetido a este ‘Periódico 01’ e informamos que iremos realizar as alterações sugeridas, dando continuidade ao processo de avaliação.

Fonte: Produção da pesquisa.

Tabela 2: Artigo B encaminhado ao Periódico 02

<p>Avaliação Y</p>	<p>A partir dos pareceres obtidos no sistema de avaliação cega por pares, foi tomada a decisão de não publicar o ‘Artigo B’ na Revista ‘Periódico 02’. No rodapé desta mensagem seguem os comentários feitos pelos avaliadores, assim como um arquivo em anexo com os apontamentos. Acredito que esses comentários poderão ser úteis para o aprimoramento do trabalho, caso julguem conveniente. Espero que este resultado não te desencoraje a submeter novos artigos à ‘Periódico 02’. De toda forma, agradecemos pela confiança depositada na ‘Periódico 02’ e parabenizamos pela temática científica de suma importância para o turismo e áreas afins.</p>
<p>Avaliador Y1</p>	<p>O ‘<u>artigo faltam</u>’ [grifo da pesquisa] autores da área de comunicação e Turismo atuais e que <u>tem publicado sobre processos midiáticos e mídias sociais relacionando com o Turismo</u>. No artigo aparece at all (seria et al?) erro banal e crasso para publicação científica. O artigo possui 33 páginas superando e muito o número desejado e esperado em um paper científico em tal revista. A introdução carece de uma argumentação mostrando clara e convincentemente a importância do tema escolhido, a necessidade de estudá-lo e o posicionamento do artigo no campo do conhecimento. Essas tarefas exigem uma revisão sintética da literatura em apoio a uma argumentação convincente de que seu artigo atende a uma necessidade de pesquisa e trará uma contribuição para o campo do conhecimento em questão. O texto precisa de uma revisão detalhada da redação. Na introdução, no título e no resumo não está claro onde é essa Fanpage (qual rede social afinal foi avaliada?), existem muitos <i>papers</i> no Brasil e no exterior que já pesquisaram redes sociais, porque isto não consta antes da metodologia? Porque isto não está claro? Nome de pessoas nos comentários são mantidos nos <i>prints</i>, por questões de ética isto foi autorizado a ser printado? O texto mais parece um relatório do que um texto analítico discursivo que se espera de um artigo científico qualitativo, as imagens fotográficas estão mais como um relato do que propriamente como objetos analíticos do <i>paper</i>. O trabalho carece de uma seção de conclusões mais robusta, apoiada na confrontação dos resultados com os elementos da seção de fundamentação teórica e que explicita contribuições relevantes para o campo do conhecimento, assim como recomendações para futuros estudos.</p>
<p>Avaliador Y2</p>	<p>O artigo merece uma série de ajuste para sua publicação. Não descarto principalmente pelo mérito da pesquisa. Entretanto, tenho como ‘<u>necessário tais mudanças</u>’ [grifo da pesquisa] que embora grandes, são possíveis para futuras submissões em outros periódicos. <u>Essas</u> estão disponibilizados no arquivo anexo.</p>
<p>Tomada de atitude Bb</p>	<p>Sem resposta.</p>

Fonte: Produção da pesquisa.

Contextualizações sobre avaliador crítico e avaliador ingênuo das revistas científicas do turismo

Gaxiola (2009) chama a atenção para uma carência de dispositivos epistemológicos nos estudos do turismo e sinaliza como esta deficiência implica na imposição de limites à produção dos discursos científicos. Como destaca, geralmente, a pesquisa na área é voltada para identificar, analisar ou mesmo prescrever casos de sucessos ou de ‘fracassos’ no mercado. Ou, às vezes, permeados por questões políticas, orientações institucionais e ideais de movimentos e classes sociais, reduzem os estudos a construções ideológicas.

Ideologias são construções de ideais a partir de crenças, perspectivas pessoais, falsas consciências, processos de dominação e de institucionalizações dos fatos e objetos (LYRA FILHO, 1981). Esta visão,

pode ser percebida na falta de direcionamentos epistêmicos, ontológicos e deontológicos tanto na produção de autores que submetem seus artigos a revistas quanto no posicionamento de avaliadores destes periódicos. Este segundo contexto é o que discutiremos a seguir.

O Avaliador X1, do Periódico 01, concentra-se nas dimensões técnicas e semióticas do texto, demonstrando entrosamento com o campo específico, por meio da cobrança sobre jargões especializados e sintagmas estilísticos que o caracterizam. Sinaliza a fuga do método escolhido pelos autores, identificando falhas em suas apreciações. Ainda, aponta para perspectivas ideológicas dos autores, considerando ‘apego ao texto’ e ‘parcialidade das análises’. Por outro lado, destaca a relevância da temática e do objeto de análise, ressaltando suas contribuições para construção da epistemologia do turismo.

Na perspectiva de Hamze (2007), consideramos que o Avaliador X1 desenvolve as funções prognósticas e diagnósticas do processo avaliativo. Para a pedagoga, a avaliação não deve focar somente no resultado ou no processo. Necessita buscar conhecimentos construídos e identificar dificuldades de tais construções de forma dialógica. As falhas identificadas em um texto representam pistas de que o avaliando está relacionando seus saberes a outros já determinados, tentando encontrar seus próprios caminhos. Como pondera “toda resposta ao processo de aprendizagem, seja certa ou errada, é um ponto de chegada, por mostrar os conhecimentos que já foram construídos e absorvidos, e um novo ponto de partida, para um recomeço possibilitando novas tomadas de decisões” (HAMZE, 2007, 2).

Neste sentido, a análise do Avaliador X1 assume uma função prognóstica, que pondera conhecimentos prévios do avaliando, por meio da potencialidade científica de sua proposta, e outra diagnóstica, que capta suas habilidades e as contribuições do seu trabalho. Na interface com Moesch (2000), compreendemos que este processo está diretamente associado à identificação de pré-saberes para a posterior construção de saberes. Movimento que se relaciona às produções epistemológicas (Japiassu, 1991)

Assim, ratificamos a importância da análise do artigo a partir do campo epistemológico em que está inserido. Sem a compreensão deste universo teórico-metodológico, ficaremos buscando no texto apenas nossas percepções e nossas constatações, o que provoca o reducionismo da ciência. Por sua vez, quando um avaliador aceita um documento para análise, certamente irá encontrar suas percepções nele, ainda que seja de forma contradita ou mesmo pelo não-dito. Como observa Foucault (2007), no não-dito também estão verdades do discurso e estas se evidenciam quando atingem o universo existencial do receptor, no caso, o avaliador.

Por sua vez, se um parecerista busca em um texto o não-dito, do ponto de vista semiótico, consideramos que este cumpre sua função de artigo científico, pois está a estimular pulsões cognitivas, apontando para um discurso específico. Este movimento representa a incompletude textual. Afinal, “por mais acurada que seja a reconstrução filológica, o texto jamais cessará de guardar um resíduo de opacidade,

até pelo fato de que as perguntas que podem ser feitas a ele são teoricamente infinitas” (VOLLI, 2007, p. 151).

Nas trilhas de Peirce (2005), consideramos que um artigo científico exerce de fato sua função quando estimula percepções, experiências e cognições em seus intérpretes, pois, esta é a ação de todo signo. Assim, todo artigo científico é sempre um discurso incompleto, que precisa ou não de ajustes para sua melhor compreensão e, se for o caso, publicação. O seu complemento é o não-dito pelo autor, mas que está presente em seu texto, pois se reflete na mente interpretante. Por isso, a avaliação deve ser pautada por uma postura crítica que limite os efeitos das ideologias e das escolhas teóricas e estruturais dos apreciadores, como o fez o Avaliador X1.

Quando isso ocorre, temos um ‘avaliador crítico’, hábil em compreender o conjunto da obra e identificar seus sentidos, considerando suas dimensões técnicas e semióticas. Trata-se de um leitor que entende a contribuição do texto para o campo epistemológico específico e geral, e, caso necessário, indica caminhos para sua melhor organização, respeitando as escolhas dos autores sobre referencial teórico, pulsão criativa e possibilidades de negociações. O avaliador crítico é um leitor que “tendo interpretado literalmente o texto, percorre os seus movimentos colaborativos para entender de que modo o texto o favoreceu” (VOLLI, 2007, p. 152).

Já o Avaliador X2 do Periódico 01, focou sua abordagem na estrutura textual e na necessidade de elaborações que respondam a suas percepções e posicionamentos. Não se aprofundou no objeto de estudo nem na perspectiva teórica escolhida pelos autores, ao contrário, sugeriu outras leituras. Embora os autores utilizem da literatura clássica e de artigos publicados em diferentes revistas no mundo, ele notificou falta de textos oriundos de fontes específicas, constituindo claramente um processo de institucionalização da pesquisa. Ao focar o não-dito, ele negligenciou dimensões técnicas e semióticas do texto.

Ainda, utiliza de adjetivações para pontuar lacunas, o que atribui abstração, fragilidade e parcialidade à sua avaliação. O Avaliador X2 elabora uma leitura funcionalista e linear da narrativa, mantendo-se preso ao seu próprio universo teórico e vivencial. Não busca penetrar no campo conceitual e epistemológico proposto pelos autores. Limita-se a identificar erros da estrutura textual, fazendo cobranças institucionalizadas.

Consideramos que este tipo de apreciação é signo de um ‘avaliador ingênuo’. Com base em Volli (2007, p. 151), podemos dizer que se trata de um leitor “desprovido da competência necessária para captar as remissões de um episódio ao outro, se limita a ler cada uma das histórias como uma narrativa distinta”. Analisa a partir da relação de proximidade ou de afastamento entre as escolhas dos autores e às suas próprias, ignorando as dimensões do artigo científico e funções prognósticas e diagnósticas da avaliação.

Uma implicação desse modo, é o risco de se consolidar um mecanismo de estetização da pesquisa em turismo, constituindo formas de opressão conceitual, aprisionamento teórico e inibição da capacidade criativa dos pesquisadores. Segundo Lipovetsky e Serroy (2015), entendemos a estetização como um processo de institucionalização que reduz coisas, fatos, ações e construções intelectuais e sociais a formatos comuns, destituindo-os de suas especificidades.

Assim, reduzimos a produção científica em turismo a pensamentos lineares, funcionalistas, não-dialógicos e a estruturas fechadas, contrariando o caráter inter e transdisciplinar da área. O que fica fora do ‘quadrante mental do avaliador ingênuo’ é, conseqüentemente, excluído do processo produtivo, porque ele não consegue perceber a amplitude das ideias e admitir inovações estruturais. Nas trilhas de Gaxiola (2009), Lyra Filho (1985) e de Foucault (2013), ponderamos que, neste contexto, a produção científica deixa de ser um lugar do conflito teórico-metodológico e se torna um espaço de dominação ideológica.

Prezo a um formalismo absolutista, o avaliador ingênuo submete a construção do saber seu micropoder de parecerista, que pune os autores considerando aquilo que ele elege como não-dito e falhas na estrutura textual, negando-lhes o direito à negociação.

Seu mecanismo não é mais a deportação material a transferência para fora do espaço social, mas o isolamento no interior do espaço moral, psicológico, público, constituído pela opinião. É a ideia das punições baseadas no escândalo, na vergonha, na humilhação, de quem cometeu uma infração. Publica-se a sua falta (FOUCAULT, 2013, p. 84).

No processo de Avaliação do Periódico 01, observamos um posicionamento crítico-dialógico (Avaliador X1) e outro frágil-estruturalista (Avaliador X2). O que está ratificado pelo posicionamento da revista que, no tempo determinando para análise (um mês), decidiu por revisões obrigatórias, estabelecendo um processo de negociações com os autores. A avaliação X representa uma postura dialética na produção do conhecimento, colaborando para o desenvolvimento da pesquisa em uma área inter e transdisciplinar, que por sua própria natureza, admite e/ou exige criatividade e rigor metodológico. A atitude amplia o campo epistêmico do turismo.

Os Avaliadores Y1 e Y2, do Periódico 02, reproduzem o modo interpretativo do Avaliador X2. Desconsideram as dimensões técnicas e semióticas do texto e se prendem a suas percepções e direcionamentos teóricos. Por exemplo, o Avaliador Y1, tal qual o Avaliador X2, sugere que se busque outros textos sobre o tema do artigo. O que representa duas incoerências. A primeira é que iniciamos a introdução do texto B, contextualizando redes digitais a partir de artigos publicados em diferentes revistas na área do turismo, nacional e internacional. A outra é que o trabalho não trata especificamente de redes digitais, mas sobre memória turística construída a partir de uma plataforma interativa governamental.

Não obstante, o Avaliador Y1, utiliza de figuras de linguagens, como ironia e hipérbole, além de termos agressivos e para contextualizar erros gráficos dos autores, embora seu parecer seja dotado de erros gramaticais, como sinalizamos por grifo. Seus argumentos são superficiais, trazendo implicações referentes ao total de páginas do artigo, mas não verifica se o mesmo cumpre o total de caracteres permitidos pelo Periódico 02. Não pontua coesão, clareza e coerência entre objeto, metodologia e literatura abordada. É rígido em sua concepção de narrativa científica (uma visão funcionalista) e não consegue perceber a produção de sentidos contidas na relação entre imagens fotográficas e contextualizações teóricas, ignorando completamente os sintagmas estilísticos e jargões especializados contidos no texto, além de se mostrar desatento aos fenômenos translinguísticos.

O Avaliador Y1 não dialoga com o texto. Trata-se de uma apreciação sem fundamentações científicas, representando um processo de estetização e de institucionalização da pesquisa. Isso atribui caráter subjetivo à abordagem, bem como foge aos princípios éticos das relações humanas e acadêmicas. Por sua vez, o Avaliador Y2 não descartou o mérito da pesquisa e sugeriu a submissão em outro periódico, fechando totalmente a possibilidade de negociações. No anexo que encaminha, pontuou mudanças propostas, que, de modo geral, se referiam a cobranças de conceitos, muitos dos quais contidos no corpo do texto. Por exemplo, na introdução, os autores indicam que vão discutir sobre memória turística, citando as referências e utilizam a expressão ‘cultura turística’. Tais conceitos estavam devidamente abordados nos tópicos referentes à revisão de literatura e aos resultados e discussões, mas o apreciador os cobrou como ausentes no texto.

O Avaliador Y2 desconsiderou referências escolhidas pelos autores e cobrou literaturas de seu repertório. E a única observação que fez referente à metodologia foi questionar sobre a necessidade de criação de um novo método. Ora, então não é a metodologia o motor da pesquisa científica? A ciência não avança com a criação de novos métodos? E mais: quantos métodos existem para analisar a memória turística de residentes a partir de uma *Fanpage* de uma prefeitura municipal? Este era o objeto do artigo submetido.

Compreendemos que se trata de um tema muito específico e embora existam muitas pesquisas sobre redes digitais e turismo, quase todas estão centradas no âmbito do *marketing* e não da memória coletiva muito menos do direto ao acesso à informação pública. Esta, de acordo com o Inciso XXXIII do Artigo 5º da constituição brasileira é um direito fundamental e deve ser compreendida como serviço público e não como estratégia de mercado, mesmo referente à comunicação turística. Afinal, a constituição só restringe a publicação de informações cujo sigilo seja imprescindível à segurança da sociedade.

Ainda, o Avaliador Y2 considerou ser necessária uma mudança em todo o texto, mas não comentou sobre a delimitação do objeto, problematização, objetivos, metodologia nem sobre resultados gerados pela pesquisa. Sua avaliação também não cumpriu funções prognósticas e diagnósticas. O mais intrigante foi

que ele exterminou por completo quaisquer possibilidades de negociações dos autores para com aquele periódico, representando uma avaliação pela punição, o que na contemporaneidade, denominados de ‘cancelamento’. Não obstante, refletimos que a expressão ‘mudanças [...] grandes’ sugere uma superioridade do avaliador em relação aos autores, podendo sinalizar uma tentativa de verticalização da produção científica, que aponta para outras implicações ideológicas.

Em síntese, observamos que os avaliadores X2, Y1 e Y2 realizaram suas observações a partir de suas subjetividades e de elementos complementares ao texto científico, como dimensão do documento, pontuação, posição de conceitos, estilo de redação e normas gramaticais. Estes são elementos intrínsecos a quaisquer textos escritos na língua portuguesa, e todos suscetíveis de falhas, como grifamos em suas respectivas abordagens nas Tabelas 01 e 02.

Tal reducionismo empobrece o desenvolvimento da pesquisa e reduz o próprio escopo de publicações do periódico, que pode tornar-se retórico, monotemático e linear. A atitude do avaliador ingênuo é prejudicial ao desenvolvimento epistemológico do turismo e de quaisquer outras áreas do conhecimento. Afinal, contraria princípios da argumentação lógica e da racionalidade dialética. Em vez de construir processos de vigilância epistemológica, provocam o reducionismo da pesquisa a suas correntes de pensamento e formas narrativas, criando microssistemas de poder no processo de produção do conhecimento.

Precisamos superar esse mecanismo funcionalista e atuar dentro de uma perspectiva crítica, identificando as dimensões técnicas e semióticas do artigo, o que nos permite desenvolver funções prognósticas e diagnósticas da avaliação. A avaliação crítica rompe com procedências unicistas que priorizam perspectivas “positivistas, funcionalistas, estruturalistas, condutivistas, partidárias e da explicação superficial da compreensão, da literalidade, negando a poeticidade, e dos modelos das ciências exatas e da natureza, avassalando os saberes humanistas” (Gaxiola, 2008, p.93), [Tradução da pesquisa].

Os avaliadores de revistas científicas exercem papel preponderante junto à democratização, divulgação e popularização dos estudos realizados por pesquisadores de diferentes formações acadêmicas, oriundos de diversos programas de pesquisa das várias regiões brasileiras. Isso, associado às diferentes temáticas de pesquisa, ratifica o turismo como uma disciplina múltipla, inter e transmedológica. Portanto, avaliadores necessitam ter visão ampla e atualizada sobre pesquisa e texto científico, considerando as inúmeras possibilidades de abordagens teórico-metodológicas, campos epistemológicos, fenômenos linguísticos e translinguísticos e o caráter social-acadêmico do artigo.

Avaliadores precisam ser hábeis para que suas percepções e experiências não se sobreponham às escolhas dos autores. O rigor da avaliação de um artigo científico deve focar a coesão e coerência dos

elementos que compõem suas dimensões técnica e semiótica, desenvolvendo suas funções prognósticas e diagnósticas.

Um artigo científico não é um arcabouço de regras nem de verdades, mas sim, um contexto de ideias e proposições reflexivas. Portanto, ou atuamos como avaliadores críticos e reconhecemos as nuances e especificidades dos textos que apreciamos ou permaneceremos como avaliadores ingênuos, buscando nossas próprias verdades e convicções. E como mostrou a recente história do Brasil, julgamentos por convicções só provocam retrocessos.

Conclusão

Concluimos que os avaliadores de revistas científicas contribuem para o desenvolvimento da pesquisa na área do turismo quando atuam de modo crítico, compreendendo as dimensões técnica e semiótica do texto e constituindo um processo de vigilância epistemológica. Ao comportarem-se com avaliadores críticos, conseqüentemente, deixam em segundo plano suas perspectivas social-acadêmicas e escolhas teóricas-metodológicas, mergulhando nos sentidos propostos pelos autores.

Como realizou o Avaliador X1, precisamos compreender os elementos centrais da produção científica (problema, objetivos, metodologia resultados e discussões), buscando clareza, coerência e coesão entre eles. Ele elaborou sua abordagem a partir dos jargões especializados, sintagmas estilísticos e dos fenômenos translinguísticos contidos no texto, estabelecendo diálogo com os autores, a partir do conjunto de signos por eles escolhidos. Além disso, identificou a contribuição da pesquisa para o desenvolvimento epistemológico do turismo e suas possibilidades de aplicação. Desse modo, o avaliador exerceu funções prognósticas e diagnósticas do processo avaliativo.

Já os Avaliadores X2, Y1 e Y2 desenvolveram uma leitura segmentada do texto, não conseguindo estabelecer conexões entre suas partes. Estes avaliadores ingênuos direcionaram sua abordagem para aspectos complementares aos elementos que compõem as dimensões técnicas e semióticas. Não conseguiram ultrapassar os limites de suas perspectivas social-acadêmicas nem preferências teóricas-metodológicas, não penetrando nos sentidos proposta pelo texto. Centraram a avaliação em aspectos gramaticais, estrutura textual, total de páginas, origem do referencial teórico e em cobranças no posicionamento de conceitos.

Compreendemos, todavia, que embora estes elementos sejam complementares, são também importantes para a qualificação de um artigo. Mas, não podem se sobrepor aos aspectos centrais da pesquisa e suas contribuições para o desenvolvimento científico. Quando isso ocorre, os avaliadores produzem um processo de estetização da pesquisa, atribuindo à avaliação caráter ideológico. Com isso, minimizam possibilidades de racionalidades dialéticas, inibem a criatividade dos autores e provocam processos de

cancelamento. Tudo isso põe em risco a credibilidade do periódico, reduzindo-o a um espaço funcionalista e monotemático, distante do caráter inter e transdisciplinar da pesquisa em turismo.

Destacamos que as dimensões técnica e semiótica permitem conexões entre microáreas da epistemologia do turismo, criando um processo de intertextualidade, ou seja, negociações entre diversas perspectivas teórico-metodológicas. Elas constroem um movimento intelectual que confirma o artigo como um discurso científico. E todo discurso traz em si elementos extremamente complexos, pois envolvem formação pessoal, social, subjetividades e intenções do produtor (autores) e do leitor (avaliadores).

Portanto, nenhum texto pode ser considerado absolutamente autêntico e infalível muito menos absolutamente falíveis. A avaliação de um artigo científico dificilmente não acarretará em implicações, sugestões, observações e contra argumentações, pois em todo artigo está o não-dito. Por isso, torna-se improdutivo quando avaliadores fecham o diálogo com os autores, impondo suas verdades. Todas as questões de um texto podem ser sanadas pelos autores. Muitas vezes, estes estão justamente a espera de um estímulo externo para aperfeiçoarem suas produções.

O avaliador crítico é este estímulo. Ele provoca nos autores o desenvolvimento de uma sistematização que os possibilitem reagrupar as conjecturas e aspectos que compõem seu artigo. Assim, tanto avaliadores quanto autores conseguem construir novos conhecimentos. Por outro lado, a atitude dos avaliadores ingênuos, impedem que percebamos as condições densas, imagéticas e simbólicas contidas na epistemologia do turismo.

Por fim, enfatizamos que a construção deste texto foi bastante desafiadora, porque somos ao mesmo tempo autores e avaliadores. Mas, nos ajudou a entender que a avaliação de artigos submetidos a revistas científicas na área do turismo envolve etapas progressivas do observar e negociar, considerando, possibilidades oferecidas pelos erros e falhas dos autores e avaliadores. Neste âmbito, destacamos negações de certezas e enfatizamos processos de conexões entre ideias, teorias e métodos. Não obstante, ressaltamos que este construto tornou-se ponto de partida para a contextualização da pesquisa em turismo como ‘Estudos Turísticos’, seguindo diretrizes dos Estudos Culturais. Objeto que estamos desenvolvendo.

Referências

COSTA, M. B. F.; ALVES, M. L. B. Acoplamento estrutural turístico: um estudo sobre a estrutura estética de publicações em ambiências digitais a partir da semiótica peirceana. **Revista Turismo em Análise**, v. 32, n. 2, p. 205-226, 2021. <https://doi.org/10.11606/issn.1984-4867.v32i2>

_____. Memórias de Residentes a Partir da Fanpage da Prefeitura do Salvador-BA: reflexão sobre a gestão da comunicação turística. **Revista Turismo em Análise**, v. 30, n. 3, p. 461-479, 2019. <https://doi.org/10.11606/issn.1984-4867.v30i3p461-479>

_____. **Epistemologia do turismo: uma contribuição da semiótica de Peirce**. Anais do Seminário da Anptur, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/13/558.pdf>/. Acesso em 04 de março de 2022.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

DENCKER, A. de F M. **Pesquisa e interdisciplinaridade no ensino superior: uma experiência no curso de Turismo**. São Paulo: Aleph, 2002.

ECO, H. **Apocalípticos e integrados**. 6 Ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 15 Ed. São Paulo: Loyola, 2007.

_____. **A verdade e as formas jurídicas**. 4 Ed. Rio de Janeiro: Nau, 2003.

GAXIOLA, N. C. Algunas consideraciones dialécticas y hermeneutizantes sobre la epistemología y la importancia de la tradición em el pensamiento turístico. **Turismo em Análise**, v. 20, n. 3, p. 409-426, 2009. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/rta/article/view/14193/> Acesso em 02 de fevereiro de 2022.

HALLAL, D. R., MULLER, D., GARCIA, T. E. M.; RAMOS, M. da G. G. **O contexto de criação dos cursos de bacharelado em turismo no Brasil**. X Coloquio Internacional sobre Gestión Universitaria em América del Sul. Mar del Plata, 8, 9 y 10 de Diciembre, 2010. Access in: 28/12/2021. In: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/97077>

HAMZE, A. **Avaliação escolar**. Canal do Educador, 2007. Disponível em <https://educador.brasilecola.uol.com.br/trabalho-docente/avaliacao-escolar.htm/>, Acesso em 12 de março de 2022.

JAPIASSU, H. **Introdução ao pensamento epistemológico**. 6 Ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

LIPOVETSKY, G. & SERROY, J. **A estetização do mundo. Viver na era do capitalismo artista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LYRA FILHO, R. **O que é Direito**. São Paulo: Nova Cultural/Brasiliense, 1985.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia do Trabalho Científico**. 7. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2013.

MOESCH, M. **A produção do saber turístico**. Contexto: São Paulo, 2000.

PANOSSO NETTO, A. **O que é turismo**. São Paulo: Brasiliense, 2010.

PANOSSO NETTO, A.; NECHAR, M. C. Epistemologia do Turismo: escolas teóricas e propostas críticas. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**. São Paulo, v. 8. n. 1, p. 120-144, 2014.

PEIRCE, C. S. **Semiótica**. 3 Ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

PORTAL DO ARTIGO CIENTÍFICO. **O que é um artigo científico**. Disponível em <https://artigocientifico.com.br/> Acesso em 13 de março de 2022.

SANTOS, J. F. **Análise da Produção Acadêmica em Turismo**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Turismo, da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, 2018.

SCHOLL, A. P. O conceito de translinguagem e suas implicações para os estudos sobre bilinguismo e multilinguismo. **Revista da ABRALIN**, v. 19, n. 2, p. 1-5, 27 ago, 2020. IN: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1641/> Acesso em 20 de março de 2022.

VALLS, Á. L. M. **O que é ética**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

VOLLI, U. **Manual de semiótica**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.